

3 perguntas para Manuel Chinchilla

Presidente da Philip Morris Brasil



Com mais de 25 anos de experiência no setor e passagem por dez países, o hondurenho comanda a subsidiária brasileira desde 2018 e tem pela frente o desafio de inserir no mercado nacional alternativas de risco reduzido ao cigarro. O executivo comanda a transformação de dentro para fora, pela qual passa a empresa globalmente, para atender aos anseios da sociedade. O objetivo é entregar alternativas menos tóxicas do que os cigarros para milhões de homens e mulheres que, de outra forma, vão continuar fumando. Veja o que ele tem a dizer:

1 O que motiva você a permanecer tanto tempo em uma indústria que, ao longo dos anos, deixou de ser aceita por grande parte da sociedade?

“Somos transparentes e nossa mensagem é clara: Se você não fuma, não comece. Se você fuma, pare. Se não parar, saiba que existem alternativas de risco reduzido.”

O que mais me motiva é a transformação que vivemos, liderando inovações no setor para desenvolver alternativas ao cigarro tradicional e possibilitar ao adulto fumante um produto substituto de risco reduzido. Participo há 15 anos desse processo de transformação do negócio e posso dizer que é desafiador comandar a empresa nessa jornada para se tornar em uma companhia livre de fumaça. Entendemos que o mundo mudou, as pessoas mudaram e nosso negócio não atende mais as necessidades da sociedade e dos consumidores e, por isso, se faz necessária essa renovação, uma mudança de cultura que acontece de dentro para fora em nossa organização. A operação brasileira é estratégica nessa transformação em busca de um Futuro Sem Fumaça. São mais de 20 milhões de fumantes brasileiros que podem ter a oportunidade de conhecer alternativas de risco reduzido, cientificamente comprovadas como opções menos tóxicas do que o cigarro. Somos transparentes e nossa mensagem é clara: Se você não fuma, não comece. Se você fuma, pare. Se não parar, saiba que existem alternativas de risco reduzido.

2 Qual seria a alternativa e o que falta para ser comercializada no Brasil?

A PMI investiu US\$ 9 bilhões, desde 2008, em pesquisa e desenvolvimento do produto de tabaco aquecido, chamado de IQOS. Normalmente a inovação vem antes da regulação. Concentramos nossos esforços e dialogamos com a sociedade e órgãos reguladores há vários anos, levando informações técnicas e científicas sobre produtos de risco reduzido. A partir da experiência obtida ao redor do mundo, avaliamos a importância de avançarmos na regulamentação, analisando a ciência sem ideologia, compartilhando a informação de que o tabaco aquecido é uma alternativa melhor para o consumidor que irá continuar fumando. A introdução dessas tecnologias inovadoras pode contribuir para a vida das pessoas que continuarão fumando, sem prejudicar os esforços corretos e necessários trazidos pelas políticas tradicionais de cessação.

3 O Brasil é reconhecido internacionalmente pelo combate ao fumo e pelas campanhas antitabagistas. A Philip Morris Brasil acredita que há a chance de regulamentar o produto aqui?

Sim, acreditamos. O país tem obtido progressos constantes nas últimas décadas no sentido de reduzir significativamente a prevalência do tabagismo. Acreditamos que a política de prevenção e cessação deve permanecer, porém, ainda há mais de 20 milhões de adultos fumantes no Brasil, e entendemos que algumas dessas pessoas vão continuar fumando e merecem uma melhor opção ao cigarro. Sabemos que parar de fumar é sempre o melhor caminho. O que me preocupa é o fato dos adultos brasileiros que continuam fumando não terem a possibilidade e o direito de escolher alternativas menos tóxicas do que o cigarro. Já existem produtos cientificamente comprovados e que são comercializados em mais de 70 mercados, em países da Europa e da Ásia, além dos Estados Unidos.

Enquanto esses produtos não forem uma realidade no Brasil, os adultos fumantes continuarão sem ter acesso a informações a alternativas de risco reduzido e ficarão aprisionados ao cigarro. É importante que esse assunto seja tratado sem ideologia, e com base em fatos e dados científicos.

“É importante que esse assunto seja tratado sem ideologia, e com base em fatos e dados científicos.”